



Artigo

Isadora Enderle Bastianello
Thiago Farias da Fonseca Pimenta

Recebido: 23 Junho 2023

Aceito: 17 Setembro 2023

Publicado: 31 Dezembro 2023

A influência da cultura e ética cristãs nas práticas corporais espetaculares no Império Romano

Resumo

No princípio da era cristã, presenciou-se o avanço do Cristianismo, especialmente no contexto do Império Romano (27 a.C.-476 d.C.). Esta religião apresenta um conceito de cultura própria, dotada de uma ética baseada em Deus. Assim, viu-se a cultura do Império ser influenciada pela emergente cultura cristã. A cultura dita as características das práticas corporais. O entretenimento é uma expressão de prática corporal e este, no contexto do Império, acontecia nos espetáculos, o que levou este estudo a nomear de práticas corporais espetaculares. Então, propôs-se a evidenciar as possíveis mudanças que a cultura e ética cristãs promoveram nas práticas corporais espetaculares, no período do Império Romano. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, através da plataforma CAPES, analisando um total de 19 referências. Foi evidenciado que o Cristianismo influenciou a cultura romana imperial, porém acerca das práticas corporais espetaculares, não correspondeu a influência máxima nas mudanças ocorridas, embora encontrou-se alguns aspectos que contribuíram para a inauguração de uma nova forma de pensar moral e socialmente no Império. A partir desses achados, pode-se concluir que a cultura e ética cristãs influenciaram o Império Romano em aspectos gerais e por isso atingiu de certa forma as práticas corporais espetaculares.

Palavras-chave: Cristianismo; práticas corporais; espetáculo; Império Romano; ética cristã.

The influence of christian culture and ethics on spectacular body practices in the Roman Empire

Abstract

At the beginning of the Christian era, the advance of Christianity was witnessed, especially in the context of the Roman Empire (27 BC-476 AD). This religion presents a concept of its own culture and ethics based on God. Thus, the culture of the Empire was influenced by the emerging Christian culture. Culture dictates the characteristics of body practices. Entertainment is an expression of body practice and this, in the Empire, took place in spectacles, which led this study to name spectacular body practices. So, it proposed to highlight the possible changes that Christian culture and ethics promoted in spectacular body practices, in the period of the Roman Empire. A bibliographic research was carried out through the CAPES platform, analyzing a total of 19 references. It was evidenced that Christianity influenced the imperial Roman culture, but regarding the spectacular body practices, it did not correspond to the maximum influence in the occurred changes, although it found some aspects that contributed to the inauguration of a new way of thinking morally and socially. From these findings, it can be concluded that the Christian culture and ethics influenced the Roman Empire in general aspects and therefore reached, in a way, spectacular body practices.

Keywords: Christianity; body practices; spectacle; Roman Empire; christian ethics.

Introdução

O desenvolvimento das práticas corporais acompanha os períodos históricos e as sociedades em que estão inseridas. Para Bracht (2002), a legitimidade social do esporte se dá na sua atualização aos valores dos costumes da ordem social vigente (Bracht, 2002). Porém, o termo esporte possui caráter mais moderno, sendo assim, o termo “práticas corporais”, mais adequado para argumentar acerca de civilizações pré-desportivas, como é o foco deste estudo.

No contexto do Império Romano (27 a.C.-476 d.C.), as práticas corporais compreendem uma amplitude de expressões corporais. Contemplam-se práticas referentes ao trabalho, à higiene e ao entretenimento. O foco deste estudo são as práticas corporais que representam o entretenimento, localizadas nos espetáculos romanos. Assim, essas práticas corporais foram intituladas como práticas corporais espetaculares, para maior especificação.

Um conceito básico ao se redigir sobre questões sociais é o de cultura. É a cultura que define a ordem moral que encerra uma comunidade de valores e padrões, proporcionando uma unidade interna (Dawson, 2014). Nela existem os aspectos éticos de uma sociedade, dando o sentido de unidade a esta. Assim, a cultura acompanha o desenvolvimento da sociedade e apresenta mudanças conforme o andar da história. Para Dawson (2014), a cultura que promove unidade a uma sociedade cresce e evolui a ponto de se desenvolver em organizações específicas, como o crescimento de cidades e a definição de símbolos próprios, como linguagem e escrita. E, esse estágio mais elevado da cultura, é definido como civilização (Dawson, 2014).

Assertivamente, a cultura do Império Romano e sua alta civilização, influenciou as práticas corporais espetaculares e construíram a cultura corporal do período. O Império Romano foi um império mundial, cujo poder militar conquistou muitos povos. Mesmo sendo uma civilização que dominou outras, o Império era tolerante a alguns aspectos culturais dos povos conquistados, permitindo, por exemplo, as práticas religiosas dessas nações e até mesmo inserindo seus ritos e deuses na prática religiosa politeísta do próprio Império.

Apesar desta tolerância às práticas religiosas, Roma travou uma inimizade com uma religião emergente nos primeiros séculos: o Cristianismo. O Cristianismo, “bebendo” de suas raízes judaicas, possui uma lei moral e ética baseadas em Deus e uma cultura específica que caminha paralelamente a cultura das civilizações humanas; no ponto de vista do Império Romano, é uma fé exclusivista (Kyle, 2001), que não se mistura na religião politeísta imperial. A inimizade do Império com a prática da fé cristã aconteceu devido às abstenções cristãs dos jogos, sacrifícios a deuses e

cultos aos imperadores, sendo consideradas traição religiosa, assim os cristãos eram considerados “culpados de todos os crimes” e merecedores de toda hostilidade (Kyle, 2001, p. 243-244). Historicamente, é conhecida a relevância desta religião e é o relacionamento desta com a cultura das práticas corporais espetaculares do Império que é o foco deste trabalho.

Desta maneira, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar as possíveis mudanças nas práticas corporais espetaculares do Império promovidas pela cultura e ética cristãs, a partir do momento em que o Cristianismo começa a se popularizar entre os romanos.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza básica, não experimental, qualitativa, exploratória, tratando-se de uma pesquisa bibliográfica (Markoni & Lakatos, 2003). A pesquisa foi feita pela plataforma da CAPES, na língua inglesa, utilizando as palavras-chave: Império Romano e Cristianismo, espetáculo, Roma Antiga e ética cristã.

Os critérios de inclusão e exclusão foram: estar em língua inglesa, portuguesa e/ou espanhola; tipo de material: livros, capítulos de livros e artigos; material estar disponibilizado na íntegra de forma gratuita e conter as palavras chaves descritas. Esses critérios, na pesquisa na plataforma CAPES, foram utilizados como filtros.

Foi obtido um total de 391 resultados para as pesquisas, dos quais foram utilizadas 19 referências, por estarem dentro dos critérios selecionados. A Figura 1 mostra mais detalhadamente o processo da pesquisa.

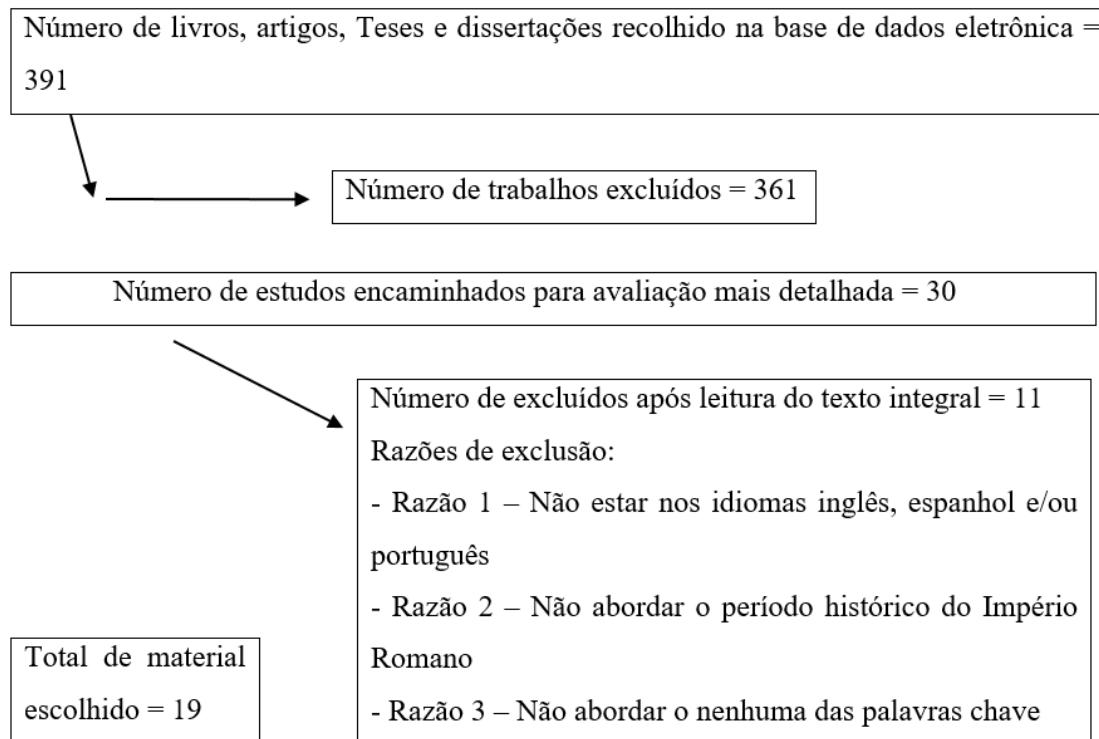


Figura 1. Grelha Para Revisão de Literatura

Neste estudo os principais autores utilizados serão: Christopher Dawson (2014), Alan Baker (2002), Donald Kyle (2001), Thomas Woods Jr (2008), Paul Veyne (2015), Michael Carter (2009), Henlee Barnette (1956), Lisa Cahill (1987), Agostinho de Hipona e Pablo Arredondo López (2008).

Procedeu-se a análise das informações através da leitura exploratória, adotando uma abordagem hermenêutica (Duarte et al., 2017; Weller, 2007) dos textos coletados.

As práticas corporais espetaculares no Império Romano

Os espetáculos na Roma Antiga estiveram presentes desde o período da República (509-27 a.C.), com caráter de celebrações anuais oficiais. Esses espetáculos eram organizados em festas religiosas, para honrar divindades e eram chamados de jogos públicos nos quais eram realizadas corridas de bigas no circo e representações cênicas (Veyne, 2015). Além dos eventos religiosos, também eram realizados combates de gladiadores para honrar líderes ou pessoas importantes mortas. Este combate era chamado de *munus*, como um dever moral realizado por um descendente vivo para que se evocasse a memória destes ancestrais mortos, havia também a crença de que a propiciação dos mortos acontecia através do derramamento de sangue, caracterizando esse *munus* como sacrifício (Baker, 2002; Kyle, 2001).

O *munus* tinha esse sentido de dever moral, mas quando colocado no plural “*munera*”, ele também vai aderir ao significado de “presentes”. Assim os jogos públicos também se tornam *munera*, como um presente para o povo e um dever dos magistrados para que estes sempre sejam realizados. Esse entendimento dos jogos como *munera* e a existência da obrigatoriedade na promoção dos jogos pode ser melhor compreendida a partir do conceito de evergetismo.

Este conceito foi criado a partir da minuta dos decretos honoríficos helenísticos, pelos quais aqueles que ajudavam a cidade com suas fortunas ou atividade pública eram enaltecidos (Veyne, 2015). Paul Veyne, identifica a importância que se dava às doações para o bem coletivo, como *munera*, em um sentido de presente ou dádiva. Essas doações eram feitas pelos evérgetas, pessoas com grande fortuna que usavam de seus recursos para ajudar a coletividade. Mesmo com a característica de serem feitas de bom grado, esses bens coletivos também eram uma resolução cultural “obrigatória” e podia ser feita livremente ou com a finalidade de receber algo em troca. As doações eram principalmente destinadas aos espetáculos de circo e arenas, por serem práticas mais desejadas pelo público, assim como banquetes para toda a população e construções de edifícios públicos. Desta forma, o evérgeta tinha a função social de promover boas obras coletivas com seu dinheiro e essas obras permaneciam sobre sua tutela escapando da soberania do Estado (Veyne, 2015).

A partir desta importância do *munera* é visto o motivo de haver essa obrigação de promover os jogos, por parte dos magistrados e, em adição, aproveita-se da plurifuncionalidade dos jogos, pois eram segundo Paul Veyne: “[...] paralelamente, uma homenagem aos deuses e um prazer para os homens” (Veyne, 2015, p. 383).

A plurifuncionalidade dos jogos públicos na Roma Antiga, ocorre porque existe uma plurifuncionalidade na religião romana, pois esta era usada, além do caráter religioso, para segurança e solenidade. A respeito de solenidade, comprova-se uma solenização dos prazeres coletivos (Veyne, 2015). O prazer coletivo, tornou os jogos extremamente populares, então eles se tornaram meios ainda mais significativos para promover vantagem política. Como Alan Baker destaca:

Mas a popularidade do *munera* era tamanha que poucos políticos com bolsos cheios podiam resistir à chance de serem associados a encenação de um. Eles logo se tornaram um excelente meio pelo qual aqueles com aspirações políticas poderiam ganhar o favor da população e, assim, aumentar suas perspectivas nas eleições (Baker, 2002, p. 17).

Assim os prazeres coletivos foram ganhando protagonismo sobre o religioso, trazendo o que é chamado de secularização dos jogos, ou seja, a separação das funções religiosas, como Veyne destaca: “Durante os dois últimos séculos da República e mais ainda sob o Império, os jogos haviam perdido sua dimensão religiosa no espírito de seus organizadores e de todos os espectadores” (Veyne, 2015, p. 386).

Essa secularização encerrou a plurifuncionalidade dos jogos romanos, nos quais eles se tornaram um júbilo coletivo e solene (Veyne, 2015) e um instrumento político, constituindo um modelo de “pão e circo” (Kyle, 2001). Mas é importante entender que essa característica não era exclusivamente manipulada por uma parte da sociedade (líderes políticos), segundo Donald Kyle:

Um modelo mais compreensivo de sociologia política mostra, entretanto, que a relação não era simplesmente uma manipulação unidimensional [...] esse modelo aponta a assertividade dos espectadores em massa e a vulnerabilidade da popularidade dos líderes nos espetáculos. Sob a República, a tradição aristocrática de munificência (evergetismo) impunha aos líderes a obrigação de dar jogos como presentes de agradecimento à sua comunidade. Mais tarde, sob o Império, existia um contrato implícito pelo qual o imperador deveria dar jogos e presentes como demonstração de sua generosidade (*liberalitas*), desfrutar de tais espetáculos e tolerar e atender às expressões da vontade popular expressa no contexto dos espetáculos (KYLE, 2001, p. 08).

Veyne apresenta uma citação de Frontão, que vai ilustrar como a política do “pão e circo” não era somente uma forma de manipulação unilateral, mas um resultado das práticas e pensamentos de uma sociedade como um todo:

O povo romano pode ser seduzido com duas coisas: seu pão (*anona*) e os espetáculos; isso faz que aceitem a autoridade (*imperium*) através de futilidades e de coisas sérias. Existe um risco maior em negligenciar o que é sério, e uma maior impopularidade em negligenciar o que é fútil (Frontão, 1988 *apud* Veyne, 2015, p. 764).

No Império (27 a.C.–476 d.C.), as práticas espetaculares já não tinham seu valor religioso como protagonista e, sim, serviam como entretenimento e prazer, tornando-se ainda mais populares e uma característica regularizada do calendário de festivais romanos (Carter, 2009). Por este fator, os espetáculos vieram a ser ainda mais esplendorosos e violentos. A violência nas arenas e circos sempre esteve presente, principalmente nos combates de gladiadores e, ao ampliar seu esplendor, também se aumenta sua impiedade, assim adicionou-se as *venatio*, que era a caça a animais selvagens, como girafas, elefantes, tigres e leões e execuções extravagantes (Baker, 2002; Carter,

2009). Veyne explica a diferença entre os espetáculos oferecidos no Império, havendo os *ludi* regulares, ou seja, “espetáculos teatrais e corridas de bigas no circo”, editados pelos magistrados e os *munera*, “espetáculos extraordinários”, oferecidos pelo imperador, de forma frequente, sendo espetáculos nas arenas e combates de gladiadores no anfiteatro, assim como as *venatio*; e como “espetáculo suplementar” os condenados eram decapitados, queimados ou entregues a animais (Veyne, 2015, p. 732)

A atração mais popular foi o espetáculo dos gladiadores. Conforme Baker:

Os antigos romanos adoravam gladiadores. Eles amavam os homens, as armas, a luta e o derramamento de sangue. Eles também amavam a morte. Banhados pelo forte calor do sol mediterrâneo, os romanos regozijavam-se com o sangue dos mortos e moribundos, pois ao fazê-lo mostravam as qualidades que haviam tornado sua civilização grande e poderosa. Eles demonstraram seu total desprezo pelo sofrimento e pela morte (Baker, 2002, p. 01).

Os espetáculos de morte (assim chamados os espetáculos com derramamento de sangue por Kyle), consistiam em uma forma de condenação para “punir criminosos, se livrar dos cativos, venerar os mortos e demonstrar munificência” (Kyle, 2001, p. 44). Porém, os rituais de condenação, execuções e sacrifícios existiram em Roma, antes de haverem os combates de gladiadores.

Assim, no período do Império, tornavam-se gladiadores os prisioneiros de guerra, escravos e criminosos como punição, embora também houvessem homens livres que escolhiam tal vida para si. Os combates aconteciam com os gladiadores se enfrentando ou enfrentando algum animal selvagem. Esses combates sempre foram perigosos e com alto risco de vida. Na República eles geralmente levavam a morte, o que levou alguns autores a considerar que se tratavam de sacrifícios humanos (Kyle, 2001), já no Império o foco era nas habilidades marciais dos gladiadores, mais que no sofrimento e morte (Carter, 2009) e assim pôde-se ver uma profissionalização desta prática espetacular, havendo o surgimento de escolas de gladiadores e a criação da figura dos gladiadores como superstição.

A imagem das práticas espetaculares na Roma Antiga pode horrorizar o pensamento moderno, porém é errôneo considerar os espetáculos a partir da concepção de moralidade moderna. Por este motivo, é necessário renunciar tal moralidade a fim de que se analise de forma mais imparcial o contexto e pensamento da população romana durante o Império (Baker, 2002; Carter, 2009).

No contexto dos cidadãos romanos no Império, os combates de gladiadores nas arenas eram um reflexo da força e poder de sua civilização, ou seja, refletia como esta foi construída, a partir das

conquistas militares em batalhas de outros territórios. Para os romanos, mais importante que viver era como enfrentar a morte e é nesse tópico que o espetáculo dos gladiadores entram, uma vez que os gladiadores eram ensinados a matar e a morrer bem (Baker, 2002).

Segundo Jonathan Edmondson e Donald Kyle, os combates de gladiadores podem ser analisados como "performance cultural", que seria uma celebração pública que revela os valores de uma sociedade (Carter, 2009). A performance cultural coloca em evidência o que é importante para uma comunidade, como Carter ressalta:

Tais performances são importantes para os espectadores, não apenas como entretenimento, embora também possam ser, mas porque testemunham e celebram alguns dos ideais que ajudam a definir quem eles são. Os espectadores se reúnem para celebrar a si mesmos (Carter, 2009, p. 154).

Essas afirmações justificam o apreço dos romanos por espetáculos tão violentos, uma vez que enfatizam sua identidade como cidadãos do Império Romano, excelente no militarismo e poderoso nas batalhas. Na visão da Roma imperial, a violência dos espetáculos demonstra e celebra seu poder e a "destruição de inimigos irreconciliáveis" (Kyle, 2001, p. 9). Assim, os espectadores se dirigiam às arenas para presenciarem excelentes combates, gladiadores hábeis e se visualizarem nas demonstrações de honra, poder e força.

Ética cristã e a cristianização da cultura imperial

A ética é compreendida como uma área da Filosofia que se detém a estudar os costumes e ações humanas (Valls, 1994), contemplando questões de cultura. Sendo assim estudar ética implica nas relações históricas e culturais na construção do indivíduo, tais coisas explicam suas ações e costumes.

Claramente, o ser humano é um ser social, influenciado pelas normas e costumes do ambiente e época em que está inserido, portanto segundo Dawson "cultura é o nome dado para a herança social do homem" (Dawson, 2014, p. 116).

O Império Romano, caracterizou-se como uma civilização mundial, possuindo uma norma-padrão de cultura que pode ser aderida em diferentes comunidades que possuem um grau de comunicação cultural, mesmo essas não sendo uniformes (Dawson, 2014). Nesse sentido, o conquistador Império Romano, com sua civilização bem estabelecida e forte poderio militar, ao conquistar os povos, implementou uma mudança cultural dos conquistados ao inseri-los no império.

Na construção de grandes civilizações mundiais, é constatado que os seres humanos acreditavam ser um caminho indicado por alguma divindade, sendo originadas de um *corpus* de escritos sagrados, tendo definidas uma língua sacra e autoridades espirituais (Dawson, 2014). Isso evidencia como o fator espiritual está intrínseco no ser humano, sendo expresso nas formas originárias das grandes sociedades que influenciaram a história.

Uma das principais características das culturas humanas é a capacidade de aprender um costume e transmiti-lo de geração em geração a ponto de que este se perpetue. Essa característica se aplica a toda e qualquer organização social e a religião apesar de ter sua principal característica seu fator espiritual, ainda é uma organização social e seus valores e princípios moldam a estrutura de uma sociedade, pois “por meio dessas tradições espirituais, é que o homem, primeiramente, adquire a consciência de cultura” (Dawson, 2014, p. 134-135).

A fé cristã teve sua instauração por esse nome a partir da morte e ressurreição de Jesus Cristo, por volta de 30 ou 33 d.C. e seu espalhamento começou pelos Apóstolos de Jesus que pregaram o Evangelho e formaram discípulos. Desde então, a religião começou a se espalhar e a se institucionalizar.

A trajetória do Cristianismo no Império Romano passou por perseguições até se tornar a religião oficial do Império. Apesar da perseguição, o Cristianismo se expandiu entre as classes mais baixas e as mulheres de Roma, e a perseguição começou a ficar insustentável e tornou-se um fracasso político, assim Constantino (272-337) viu a necessidade da aceitação dessa nova religião por parte do Império, fazendo as duas sociedades trabalharem em conjunto. Através do Édito de Milão, assinado por Constantino, o Império Romano se declarou neutro acerca das questões religiosas, acabando com as perseguições. Então, a Igreja ganhou força e liberdade para suas ações, de forma que a organização desta instituição passou a se tornar visível e gerar grande influência no Império, nas esferas políticas e econômicas (Dawson, 2014), tornando incontestável o aumento de seu poder moral e religioso no fim do século IV (Martin, 1992). Então, com o imperador Teodósio (347-395), tem-se a instituição do Cristianismo como religião oficial do Império através do Édito de Tessalônica em 380.

Da sequência de imperadores, desde Constantino, chegando a Teodósio e até o fim do império, foram promulgados éditos que ilustram a influência da ética cristã sobre a sociedade romana e seus espetáculos. Baker (2002) aponta alguns decretos de imperadores romanos acerca dos gladiadores, os quais utilizaremos como exemplo dessa progressão de legislações, resumidos na Figura 2.

RESPONSÁVEL	ANO	DOCUMENTO	AÇÃO
Constantino	313 d.C.	Édito de Milão	Neutralidade religiosa do Império e fim da perseguição aos cristãos.
Constantino	325 d.C.	Édito de Beirute	Proibição da existência dos gladiadores, a condenação de criminosos agora é às minas. OBS: a abolição dos jogos não foi imposta, os jogos continuaram acontecendo apesar do edital.
Constâncio II	357 d.C.	Édito	Oficiais romanos não podem participar dos combates de gladiadores.
Valentiniano I	365 e 367 d.C.	Sem documento (SD)	Proibição da condenação dos cristãos de lutar como gladiadores.
Teodósio	380 d.C.	Édito de Tessalônica	Institucionalização do Cristianismo como religião oficial do Império.
Honório	400 d.C.	SD	Fechamento das últimas escolas de gladiadores.
Honório	404 d.C.	SD	Proibição completa aos gladiadores e dos combates de gladiadores. OBS: não se aplicou a todo Império e não foi permanente em Roma.

Figura 2: Evidências históricas dos decretos romanos acerca dos gladiadores.

Então, a conversão do Império Romano marcou uma revolução na história do Cristianismo e do mundo, pois segundo Dawson, “de religião de uma minoria perseguida, o Cristianismo, nesse momento, se torna a religião oficial do maior poder que já existiu” (Dawson, 2014, p. 209).

Porém, apesar do rumo histórico traçar o triunfo da religião cristã como a oficial do Império, o Cristianismo primitivo, ensinado por Jesus não almejava supremacia e a conquista do Estado em aspectos revolucionários, pelo contrário, compreendia o governo romano como instaurado por Deus, como explica Dawson:

Estava neste mundo como semente de uma nova ordem, que subvertia completamente tudo o que construiu o mundo antigo. Embora herdesse o espírito judaico de protesto contra o poder mundial dos gentios, não almejava, contudo, nenhuma mudança temporal, muito menos tentava suscitar algum tipo de reforma social. O cristão aceitava o domínio romano como uma ordem dada por Deus, apropriada para a condição de um mundo escravizado pelas

trevas espirituais, e concentrava todas as esperanças no retorno do Cristo e na vitória final da ordem sobrenatural. Nesse meio tempo, vivia como um estrangeiro em meio a um mundo estranho (Dawson, 2014, p. 200-201).

Vista a trajetória do Cristianismo, se faz necessário compreender sobre sua cultura específica. A cultura cristã é baseada em Deus, o Iahweh (Senhor) do Antigo Testamento, e em suas leis, escritas no Pentateuco (os 5 primeiros livros da bíblia), essas leis não eram apenas uma tradição sagrada da nação Israel, mas “um modo de vida incorporado numa lei moral e numa história sagrada que os separava de todos os outros povos do mundo antigo” (Dawson, 2014). Assim, o Cristianismo introduz um conceito de “sociedade espiritual” que possui suas leis e sua própria conduta moral, o que Agostinho de Hipona irá se referir em sua principal obra “A Cidade de Deus”, como as duas cidades: a cidade dos homens e a cidade de Deus:

A gloriosa Cidade de Deus progresso em seu peregrinar através da impiedade e dos tempos, vivendo cá embaixo, pela fé, e com paciência, espera a firmeza da mansão eterna, enquanto a justiça não se converte em juiz, o que há de conseguir por completo, depois, na vitória final e perfeita paz (Agostinho, 2017, p. 06).

Nestas definições, entende-se que a cidade de Deus já não é definida pela nação Israel, mas por todas as pessoas que professam e praticam a fé cristã, não contemplando um território, mas um estilo de vida, traçado por uma ética. Assim:

Em comparação com todas as demais religiões, essa tradição não era expressão de uma civilização mundial: ao contrário, a cultura - a exclusiva cultura teocrática de Israel - era expressão e encarnação da religião e, à parte da religião, a cultura de Israel era quase inexistente (Dawson, 2014, p. 170).

Portanto, a cultura cristã predispõe uma ética específica, que será trabalhada a partir do Sermão do Monte, ensinado por Jesus Cristo e escrito no Evangelho de Mateus, no Novo Testamento da bíblia cristã. A ordem moral que ditava os costumes da civilização de Israel, assim, estava fundamentada nas leis divinas da Torá/Antigo Testamento. Já no Novo Testamento, Jesus Cristo enfatiza as leis divinas no Sermão do Monte como algo que não se reduz à esfera das práticas sociais como um código legislativo, mas, sim, como uma ética que indica o comportamento interno no indivíduo, um estilo de vida. O Sermão do Monte é a expressão máxima da mensagem do

Evangelho de Cristo, advogando por mudanças no agir humano no aspecto interno (Amstel *et al.*, 2021). Sobre essas mudanças nos costumes humanos, Amstel e colaboradores afirmam:

Entre essas mudanças, nos parece serem evidentes as que se referem ao controle de impulsos nocivos à harmonia social, pois a mensagem de Cristo pregou o pacifismo, compaixão, misericórdia, castidade, entre outras tantas virtudes que não são possíveis sem mudanças de civilidade (Amstel *et al.*, 2021, p. 6).

Segundo esses autores, o Sermão do Monte indica um projeto de santidade para todos, tendo como impacto ético o cumprimento dos mandamentos de Deus para além do exterior, contemplando as motivações internas. Assim, é intensificado o controle dos impulsos pecaminosos, ampliando-os para a esfera da mente e da vontade (Amstel *et al.*, 2021).

O princípio ético do Sermão do Monte é definido pelo versículo 48 do capítulo 5 de Mateus, que diz: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Bíblia Almeida Corrigida Fiel).

Desta maneira, o relacionamento com Deus é essencial ao se tratar da ética cristã. E, então, é importante compreender a quem foi direcionado o Sermão do Monte: a todas as pessoas, a todos os discípulos e ao círculo interno de discípulos de Jesus, nomeado como os Doze Apóstolos (Barnette, 1956). De tal maneira, a ética cristã se aplica, principalmente, aos que se identificam com a fé cristã, se nomeando cristãos, mas o ensino de Cristo foi a todas as pessoas, a fim de que se estabelecesse a ordem moral criada por Deus.

Lisa Cahill discorre que, apesar do Sermão do Monte não especificar os objetivos sociais do Cristianismo, estes podem ser insinuados, pois, uma vez que Jesus se dirige a todas as pessoas, o caráter do Cristianismo é a inclusão de “raças, culturas, nações e agora também gerações” (Cahill, 1987, p. 153). Essa particularidade do Cristianismo vem conflitar com o contexto da civilização romana, o que influenciou as perseguições aos cristãos. “A religião inclusiva de Jesus desafiou as distinções de status das quais dependem as culturas seculares, desestabilizando a sociedade romana tradicional e provocando perseguições” (Cahill, 1987, p. 153).

Para Dawson, as perseguições aos cristãos no Império Romano não possuem causas óbvias, uma vez que o Império era especialmente tolerante com as religiões dos povos conquistados, até mesmo adicionando aspectos a sua própria cultura. Também, relativamente, os cristãos eram politicamente inofensivos, ao terem como mandamento divino a obediência ao governo humano vigente (Dawson, 2014). Possivelmente, as perseguições se fundamentam na recusa dos cristãos a

adorar o imperador e a terem seu Deus adorado pelos romanos juntamente com outros deuses, ambas práticas cristãs herdadas do judaísmo, o que Kyle apresenta como um dos motivos dos cristãos serem odiados (Kyle, 2001). Apesar do monoteísmo cristão ser o principal indicativo da perseguição, o mesmo não se aplicava ao judaísmo, provavelmente isso ocorre devido a característica judaica de não evangelização, ou seja, os judeus não procuravam converter outros povos, diferente no Cristianismo.

De fato, a proibição da conversão ao Cristianismo, instituída em 202, por Severo Sétimo (Kyle, 2001) e as perseguições, nos primeiros séculos, separaram os cristãos da sociedade romana, instituindo uma grande barreira natural, assim foram-se dois séculos e meio de uma guerra entre a Igreja e o Império, iniciada por Nero que seguiu até a conversão do imperador Constantino (272-337) (Dawson, 2014), marco que iniciou um processo de cristianização da cultura imperial.

Considerando os aspectos da cultura cristã anteriormente abordados, redigir sobre a ética cristã implica em não tratá-la como uma temática exclusivamente social e moral, dissociando-a do fator religioso. A ética cristã é pautada em Deus, separá-la do contexto da religião é o mesmo que destruí-la (Barnette, 1956), assim ela é fundamentada nos mandamentos de Deus, em seus conceitos de certo e errado (pecado). Agostinho aborda esse conceito de certo e errado no capítulo VIII do Livro Terceiro de sua obra “Confissões”, onde ele fala da moral e costumes humanos fadados ao pecado.

Diferentes autores divergem em opiniões acerca da praticabilidade da ética cristã, representada no Sermão do Monte. No presente estudo, segue-se o raciocínio de Emil Brunner, que disserta que a ética de Jesus não pode ser praticada por completo pelo homem (Barnette, 1956), ou seja, o homem como pecador não alcançará a perfeição de Jesus, não conseguirá ser como Deus (Cahill, 1987), mas viverá praticando a ética cristã como “cidadão” da Cidade de Deus.

Ao analisar os ensinamentos de Jesus sobre ética e sobre o relacionamento para com as pessoas, é perceptível a fundamentação dessas no amor fraternal, pois:

O amor é definido no Sermão de Mateus como uma forma de agir, não como uma emoção. No entanto, inferindo-se dos atos praticados, está uma atitude em relação aos outros que pode ser caracterizada como empatia, bondade, generosidade ou compaixão (Cahill, 1987. p. 150).

Desta forma, é visto como a ética cristã, além do Sermão do Monte, tem por base os mandamentos principais de Deus:

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes Marcos 12:30-31 (Bíblia Almeida Corrigida Fiel).

Essa prática da Igreja no Império, em obediência a lei divina, se materializa nas obras de caridade, inspiradas pelos ensinamentos de Cristo. Por exemplo, no século III, os cristãos agiram corajosamente consolando moribundos e enterrando mortos durante as pestes de Cartago e Alexandria; no século IV a Igreja patrocinou a fundação de hospitais, com finalidade de hospedar estrangeiros, cuidar de doentes, órfãos e pobres (Woods Jr., 2008, Veyne, 2015).

Foram essas obras de caridade que ampliaram o interesse da população do Império com o Cristianismo e assim começou-se uma popularização da religião, uma vez que a caridade cristã não se reduzia aos necessitados da própria fé, mas também aos que não professavam a fé cristã (Woods Jr., 2008).

Então, a maior influência do Cristianismo se deu na proteção dos fracos em um período da história do Império Romano de sofrimento e miséria, conferindo que o triunfo social do Cristianismo permitisse que “uma forte minoria sensibilizasse uma sociedade inteira sobre a pobreza” (Veyne, 2015, p. 63). Enfatizou, assim, a fundamentação de seus costumes no amor ao próximo e na valorização da vida como criação de Deus, como afirma Henlee Barnette, de acordo com Albert Schweitzer:

Portanto, temos a liberdade [...] de deixar que a religião de Jesus se torne uma força viva em nosso pensamento, como exige sua natureza puramente espiritual e ética. A ética de Jesus, a ética do amor, que se materializa na ética universal da Reverência pela Vida (Barnette, 1956, p. 29).

A ética cristã e as práticas corporais espetaculares no contexto imperial

Como visto anteriormente, as práticas corporais espetaculares romanas são resultado da cultura imperial, gerando a identificação do espectador, ou seja, determinando uma identidade coletiva. Também foi visto que o crescimento da influência social do Cristianismo se iniciou com a liberdade alcançada através da abolição da lei que proibia a fé cristã no Império, acabando com a perseguição aos cristãos (Baker, 2002) e declarando a neutralidade religiosa do Império, através do Édito de Milão, assinado por Constantino, em 313 d.C.

Essa liberdade da Igreja cristã, porta-voz da mensagem do Evangelho de Cristo, permitiu que se alargassem as manifestações dos fiéis, especialmente dos líderes da Igreja, contra as práticas da cultura imperial que iam de encontro com os princípios de Deus.

Em relação as práticas corporais espetaculares, os cristãos possuíam grande discordância. Primeiramente, os espetáculos eram acusados de forma de expressão de idolatria aos deuses e imperadores, cujo sangue derramado servia de oferenda (Kyle, 2001), pois, segundo Novaciano (200-258), clérigo romano, “a idolatria é a mãe de todos os jogos” (Kyle, 2001, p. 40).

Apesar das práticas corporais espetaculares expressarem grande violência e como diz Tertuliano (160-220), serem “a forma mais culta de crueldade” (Kyle, 2001, p. 43), essa violência não era problematizada pelos cristãos em relação aos que as praticavam nas arenas e circos, mas o principal problema ressaltado por autores cristãos do Império estava nos espectadores cristãos que se dirigiam as arenas para assistir tais espetáculos e as emoções que estes geravam (Baker, 2002), contaminando assim suas almas.

Tertuliano foi um autor cristão do segundo e terceiro séculos, que é considerado “um defensor da fé cristã contra a corrupção do mundo pagão” (Dawson, 2014, p. 203). Ele contrapôs significativamente a participação dos cristãos nos espetáculos romanos, especialmente em sua obra *De spectaculis* (197-202). Nesta obra, o autor realizou uma análise crítica dos espetáculos a fim de convencer os cristãos que assistiam aos jogos, sobre sua natureza pagã, relacionando-a com a idolatria e ao próprio diabo, o inimigo na fé cristã (López, 2008). Segundo López (2008), “essa oposição é complementada pela imoralidade causada pelos jogos, que exaltam a fúria, a violência e a obscenidade” (López, 2008, p. 268).

Um argumento de Tertuliano, acerca das corridas dos circos, presente no estudo de López, pode ilustrar no geral sua reprovação aos espetáculos: “esse tipo de condenação se baseia na ideia do autor de unir o circo com o local onde os fiéis perdem o controle e caem nos braços da loucura e do delírio” (López, 2008, p. 268-269).

Seguindo a linha de pensamento de Tertuliano, Cipriano (210-304) e Lactâncio (240-320) também reprovam as práticas espetaculares devido sua influência pecaminosa sobre os espectadores cristãos. Cipriano descreve os jogos “a origem de uma parte da crueldade e da luxúria do momento” (LÓPEZ, 2008, p. 270) e para Lactâncio:

Quem observa a execução compartilha da culpa do carrasco: ‘o sangue derramado para diversão do público se derrama igualmente sobre a consciência dos espectadores’ [...] a condenação nunca deve se converter em um espetáculo, adicionando que os pagãos haviam

perdido a misericórdia ao chamar esses atos ‘jogos’ e considera-los uma diversão pública (López, 2008, p. 273).

Outro autor contemporâneo do Império Romano, que produziu significativas obras no meio cristão nos séculos IV e V, foi Agostinho, bispo de Hipona (354-430), cuja estratégia era a de incentivar o abandono dos anfiteatros em prol de se dirigir às missas para escutar as histórias dos mártires, classificando isto como verdadeiro espetáculo (López, 2008). Agostinho também via o problema dos espetáculos na sua repercussão nas emoções dos espectadores cristãos. A sua opinião pode ser conferida em uma de suas principais obras, *Confissões* (397-400), na qual ele descreveu a perversão da moralidade de um de seus estudantes em Cartago, após este ter assistido a um combate de gladiadores (Baker, 2002), relato presente no capítulo 8 do livro sexto de *Confissões*:

Logo que viu sangue, bebeu junto a crueldade, e não se afastou do espetáculo; pelo contrário, prestou mais atenção. Assim, sem o saber, absorvia o furor popular e se deleitava naquela luta criminosa, inebriado de sangrento prazer (Agostinho, 2007, p. 50).

Assim, para Agostinho os combates de gladiadores realizados nos anfiteatros correspondiam a uma diversão sem utilidade e perigosa, a respeito da vida, tanto em questões materiais quanto espirituais (Baker, 2002).

Portanto, segundo o ponto de vista desses teólogos, a violência de algumas práticas corporais espetaculares era danosa às almas dos espectadores cristãos, de tal maneira que seus esforços se detinham em convencer esses cristãos a não mais assistirem a esses espetáculos. Ainda, é interessante compreender que, no geral, esses escritores se dirigiam em suas obras ao público cristão e àqueles que procuravam se converter ao Cristianismo. Com relação aos gladiadores, atores e protagonistas dos espetáculos, se exigia o abandono da profissão para que pudesse participar das atividades da Igreja, embora essa regra não tenha sido plenamente aderida na prática (López, 2008).

Este posicionamento, então, ressalta os valores cristãos expressos na mensagem de Cristo no Sermão do Monte, na citação anterior de Amstel *et al* (2021), que explica a ética cristã fundamentada no “controle de impulsos nocivos à harmonia social”.

Acerca dos posicionamentos de autores dos primeiros séculos, encontra-se maior aporte literário sobre a oposição ao espetáculo dos gladiadores. Este gerava imenso envolvimento do público, podendo este participar das decisões do combate, acerca de poupar ou não a vida do gladiador vencido (Baker, 2002), o que somava aos argumentos dos autores cristãos para a falta de

coerência entre a ética cristã e envolvimento com os jogos. Tertuliano critica a figura paradoxal do gladiador, que passa de um indivíduo condenado por seus atos para um astro que representa a identidade militar do Império: “eles amam a quem rebaixam; eles desprezam quem eles aprovam” (Tertuliano, 202 *apud* Kyle, 2001, p. 80).

Esse paradoxo que envolve a figura do gladiador representa também um dos pontos de reprovação do combate de gladiadores por parte dos cristãos. Segundo Baker (2002), o problema mais sério dos combates estava em uma espécie de ressurreição que cercava os gladiadores, ressurreição que não se relacionava de nenhuma forma com a de Jesus Cristo, mas que era gerada pelos romanos como uma ressurreição social. Baker explica melhor essa espécie de ressurreição social:

Aos olhos romanos pagãos, o gladiador (apesar da adulação que recebia do público) era *infamis*, ocupando o nível mais baixo da sociedade; e, no entanto, pela natureza de sua profissão, foi-lhe oferecida a chance de recuperar seu *virtus* exibindo habilidade e bravura na arena. A salvação assim oferecida pelo combate de gladiadores era inaceitável para o Cristianismo, uma vez que não era oferecida por Deus, mas pelo povo romano. Por esta razão, tanto quanto para o princípio da bondade fraterna cristã, a prática do combate de gladiadores não poderia continuar (Baker, 2002, p. 206).

Desta maneira, essa literatura existente sobre a relação da cultura e éticas cristãs com os espetáculos de morte (Kyle, 2001) do Império Romano trava um problema moral da crueldade do ponto de vista do cristão espectador ao testemunhar tais práticas corporais e não dos gladiadores, prisioneiros e animais que sofrem nas arenas (Baker, 2002).

Outro ponto de contraste da cultura cristã é em relação ao evergetismo, explicado anteriormente. O autor cristão que incluiu esse novo aspecto foi Lactâncio, que acusou os evérgetas ou editores dos espetáculos, pois os valores destinados aos jogos promovidos podiam ser utilizados em obras de caridade (López, 2008). Assim, configurou-se o contraste entre o evergetismo e a caridade cristã. Os grandes padres da igreja insistiam no dever dos fiéis em dar esmolas (Dawson, 2014) e sobre o pensamento de alguns desses padres, Veyne escreve:

Santo Ambrósio recomenda aos ricos distribuir pão aos pobres por caridade, e Santo Agostinho opõe o evergetismo pagão, que distribui prazeres, à caridade, que supre os interesses reais dos necessitados. As esmolas sucederão às evergesias; São Cipriano as compara a um espetáculo público dado por um evérgeta, mas que teria Deus e os anjos como espectadores; seria melhor dar aos pobres o dinheiro destinado aos jogos, escrevia Santo Agostinho. O rigorismo moral e a caridade condenam esses espetáculos (Veyne, 2015, p. 47).

De tal maneira, o Cristianismo confrontou não apenas o conteúdo dos espetáculos, mas também sua estrutura e como estes eram promovidos, de certa forma, através do conceito de caridade, que se baseava no amor ao próximo. E em suma, a respeito do amor ao próximo, os combates de gladiadores foram condenados por sua crueldade, “e também porque eles são, como o teatro e o circo, um espetáculo fútil que distrai, desvia a atenção do amor de Deus” (Veyne, 2015, p. 61), mesmo que pelo viés do espectador e não dos gladiadores.

Em consequência da popularização do Cristianismo, desde Constantino, a Igreja contou com a aprovação do poder imperial (López, 2008) o que a levou a exercer certa influência no poder. Então, como visto na figura 2, em 325, Constantino assinou seu primeiro édito sobre os gladiadores, proibindo a existência dos mesmos, porém a abolição dos jogos não foi forçada (Baker, 2002, Kyle, 2001). Já em 357, Constâncio II assinou um édito que proibia a participação de oficiais romanos em combates de gladiadores, em 365 e em 367 foi proibida a condenação de cristãos para lutar contra gladiadores, por Valentiniano I e por volta de 400, imperador Honório fechou as últimas escolas de gladiadores em Roma (Baker, 2002).

López destaca que mesmo com o Cristianismo contando com a aprovação do Império desde Constantino, os espetáculos continuaram acontecendo como símbolo de propaganda e autoridade (LÓPEZ, 2008). Já Woods Jr. afirma que foi a mensagem do Evangelho que ajudou a abolir os combates de gladiadores, atribuindo a Igreja este feito (Woods Jr., 2008). Porém, para López,

Os jogos desapareceram no Ocidente principalmente por outras causas mais relacionadas com os choques políticos que puseram o fim do Império Romano, como a diminuição do número de espectadores, a mudança de ideologia e pensamento cultural provocada pelas invasões dos reinos bárbaros e o fim do sistema cultural clássico [...] (LÓPEZ, 2008, p. 278).

E, ainda, Donald Kyle oferece a explicação de Thomas Wiedemann:

Ele [Wiedemann] sugere que os cristãos se sentiam desconfortáveis com a imagem romana da salvação e ressurreição dos gladiadores, que a sobrevivência dos gladiadores neste mundo era um rival simbólico da ressurreição dos cristãos além deste mundo. [...] Ele conclui que os combates não foram acabados, mas acabaram gradualmente no século V, pois os sacramentos cristãos forneceram a uma sociedade cristã, menos urbana, menos mediterrânea, um modelo de ressurreição mais satisfatório (Kyle, 2001, p. 55).

Portanto, o Cristianismo, influenciou a cultura do Império e não diretamente o fim dos combates de gladiadores. Pode-se dizer que houve uma participação indireta, devido à influência da Igreja sobre os espectadores, podendo então ter-se diminuído o público e, portanto, os espetáculos

que promoviam imensos gastos, precisaram diminuir (Kyle, 2001; Baker, 2002; Veyne, 2015). Porém, o principal fator para a abolição dos jogos vem do processo de queda do Império Romano.

Discussão

Nessa perspectiva, ao estudar questões de sociedade, obtém-se uma série de fatores que influenciam toda e qualquer mudança na estrutura social, em especial na ordem moral, foco deste estudo.

O principal achado da pesquisa foram os escritos de autores acerca do fim das práticas corporais espetaculares, em específico as que representam maior violência, como os combates de gladiadores. Woods Jr. (2008) destina o crédito do fim dos combates de gladiadores aos imperadores cristãos e defende este feito como um marco revolucionário para a cultura romana. Porém, ao contrário desse pensamento, Baker (2002), Kyle (2001) e López (2008) apontam que, apesar das fortes críticas da Igreja, o Cristianismo não foi o principal fator para a abolição dos combates. Os autores afirmam que uma série de acontecimentos, como as invasões bárbaras, culminaram com o fim dos espetáculos de morte, uma vez que, para eles, o fim dos espetáculos é um resultado da queda do Império.

Apesar desta conclusão dos últimos autores referidos, é importante compreender que o avanço e crescimento do Cristianismo no período imperial foi um fator social que contribuiu para o processo de fim do Império Romano. Nesse sentido, a construção da compreensão sobre a cristianização da cultura imperial, contribui para enunciar as influências cristãs nas práticas corporais espetaculares romanas.

Então, sobre cristianização da cultura, a obra que vai se deter nessa temática é a de Christopher Dawson (2014). O autor introduz os aspectos da cultura cristã que se diferencia por completo da cultura imperial, ao que ele chama de “sociedade espiritual”, o que Agostinho de refere como “cidade de Deus”, um conceito em que o bispo de Hipona descreve a vida do cristão na sociedade, como uma “peregrinação”. Este princípio ilustra a separação dos cristãos em relação a cultura romana pagã, devido ao que Kyle (2001) chama de “recusa exclusivista” de participar do paganismo do Império, expressando o rigor religioso cristão.

Quando Dawson menciona uma “nova ordem moral”, existente através da cultura cristã, pressupõe-se a existência de um código ético cristão. E, Agostinho vai exemplificar, em sua obra “Confissões”, os costumes certos e errados segundo a ética cristã. Deste modo, através dos escritos de Amstel *et al.* (2021), destinou-se o estudo da ética cristã, presente nos ensinos de Jesus Cristo no

Sermão do Monte. Cahill (1987) e Barnette (1956) vão dissertar acerca da ética do Cristianismo apresentada no Sermão do Monte.

Esses dois autores concordam sobre a abrangência dos ensinos de Cristo, sendo eles para todos, ao ponto que Barnette acrescenta que a prática da ética cristã é destinada àqueles que se identificam com o Cristianismo. Ele explica a cultura cristã como fundamentada no próprio Deus, ao que Dawson complementa historicamente com a trajetória do povo de Israel, como nação separada dos outros povos por Deus (remontando às origens judaicas do Cristianismo).

Ao passo que Amstel *et al.* identifica no Sermão do Monte o impacto ético de cumprir os mandamentos tanto externa quanto internamente, Cahill aponta a motivação principal de tal cumprimento, o amor, como a autora descreve sendo “uma forma de agir”. Associa-se, portanto, na expressão máxima da ética cristã o cumprimento dos principais mandamentos de Deus.

Acerca do amor trabalhado por Cahill, Woods Jr. vai abordar o conceito de caridade e trazer exemplos históricos desse amor prático, através da fundação de instituições que se preocupam com os mais fracos da sociedade. Sobre a caridade, Paul Veyne (2015) também trabalhou trazendo o contexto da sua implementação e do aumento das obras na medida que o Cristianismo avança no Império.

Veyne faz o contraste entre caridade e o evergetismo existente na Roma Antiga, em seu livro traz argumentos de alguns teólogos, entre eles Agostinho, que diz que é melhor que o dinheiro das evergesias fosse destinado às obras de caridade e à Igreja. Compartilhando o pensamento de Agostinho, Lactâncio também acusa os evérgetas, editores dos espetáculos (principal expressão das evergesias).

Para aprofundar a relação da cultura cristã nas práticas corporais espetaculares do Império é necessário primeiramente discutir sobre os espetáculos. Os quatro autores utilizados para trabalhar esse tópico foram Baker, Kyle, Veyne e Carter (2009). Esses diferentes autores, basicamente concordam entre si sobre como se dava a dinâmica dos espetáculos, desde seu início até sua expressão no Império.

Veyne é o que se detém ao aspecto político e social dos espetáculos, trazendo a origem destes através do evergetismo e trabalhando todo o valor social dos jogos, para além do entretenimento. Baker também aborda um viés político em algumas partes de seu livro, citado anteriormente, porém seu foco principal é descrever os combates de gladiadores, com a intenção de fazer seu leitor imergir na realidade do Império. Essa questão justifica ser o autor dessa pesquisa que mais se preocupou em abrir mão da perspectiva de moralidade moderna para entender os espetáculos.

Com relação a análise da violência presente nos espetáculos, a abordagem de Kyle vem de encontro a perspectiva de Baker. Este escreve seu livro já o intitulando “Espetáculos de Morte” e assim construiu obra com base na violência, ao mesmo tempo que aponta para a identificação dos cidadãos romanos com a violência, enfatizando argumentos daqueles que eram contrários a isto e criticavam essa cultura romana, como Tertuliano.

A identificação social com os combates é trabalhada tanto por Kyle, quanto Baker e Carter. Foi visto que o viés de Baker é centrado na cosmovisão do Império Romano, enquanto o de Kyle é na violência. Carter explicou esse fenômeno da identificação de forma mais clara, nomeando de “performance cultural”, conceito já explicado anteriormente, que traz mais luz àquilo que Baker e Kyle trabalharam, apontando tanto a característica da violência quanto da identificação. E, como Baker, Kyle centra seu estudo nos combates de gladiadores.

Sobre as práticas corporais espetaculares, Agostinho, Cipriano, Ambrósio, Tertuliano e Lactâncio possuem a mesma opinião, especialmente sobre o combate de gladiadores. Todos visualizam o problema dos jogos em relação ao espectador e às emoções descontroladas que podem ser geradas pelo sangue derramado e pela balbúrdia das arquibancadas. Não houveram evidências nesta literatura que identifiquem a rejeição aos jogos devido à violência contra os cristãos que era anteriormente presenciada.

Em relação ao descontrole das emoções desaprovado por estes escritores cristãos do Império, pode se estabelecer uma comunicação com o que Amstel *et al*, identifica como a ação da ética cristã no controle dos “impulsos nocivos à harmonia social”. O argumento de Amstel e colaboradores pode indicar uma solução aos problemas apontados pelos autores cristãos. Em seu estudo, ele apresenta os aspectos do processo civilizador cristão (tendo por base Elias e Weber) na formação da civilidade. Assim, pode-se associar o papel da ética cristã em gerar o controle das emoções das massas e, a partir disso, introduzir uma nova ordem social de costumes.

Finalizando, um tópico histórico que apresenta uma certa falta de diálogo entre os autores é acerca da perseguição do Império aos cristãos. Como já foi apresentado, para Dawson ela não tem uma causa óbvia, enquanto Kyle apresenta com certa veemência o motivo dos cristãos serem odiados, impelindo o pensamento do leitor a perseguição. Já Cahill afirma que a capacidade de inclusão da religião cristã foi o motivo das perseguições, por desafiar as distinções de status do Império. Possivelmente, o que Cahill se refere como “distinções de status” é relativo a não encarar o imperador como um deus e se importar significativamente com as camadas mais baixas da sociedade, o que pode desafiar toda a estrutura hierárquica que influenciou a organização do Império, constituindo assim uma ameaça ao governo.

Enfim, a respeito dos fatos históricos mais concretos, como as implementações e leis, períodos históricos dos governos, conceito de cultura, civilização, ética e espetáculo, os autores utilizados nesse trabalho não apresentam discordâncias significativas.

Considerações finais

A pesquisa apresentada aponta que a cultura e ética cristãs, influenciou a cultura romana no período do Império em geral, como nos cenários políticos e econômicos. Como visto, essa influência aconteceu devido a popularização da religião entre as camadas mais baixas até chegar à alta classe romana, principalmente a partir do período de Constantino.

Os líderes da igreja deste período, que refletiam e dialogavam de forma crítica acerca das práticas cotidianas do Império, influenciaram a sociedade romana, principalmente através do confronto às práticas reprováveis a vista dos ensinos de Jesus Cristo. Estas atitudes desses líderes, que enfrentavam o governo, somadas as obras de caridade e pregação do Evangelho, escreveram o legado social do Cristianismo na cultura do Império Romano, especificamente sobre as práticas corporais espetaculares, cuja crueldade e violência foram atacadas pela Igreja.

Portanto, conclui-se que a influência da cultura e ética cristãs ocorreu no contexto social geral do Império e devido a isso, atingiu também as práticas corporais espetaculares. Também, foi evidenciado que essa influência nas práticas dos espetáculos não ocorreu devido à natureza da prática em si, mas aos aspectos emocionais que geravam nos cristãos que as assistiam, segundo a maioria dos autores. Especificamente, viu-se a prática da ética cristã traçando alguns contrastes na cultura imperial, como a valorização das classes inferiorizadas pelos romanos embater com a supervvalorização da alta classe, a caridade substituindo o evergetismo, o controle sobre as emoções baseadas na ética do Sermão do Monte sobrevir o êxtase das arquibancadas dos espetáculos e, brevemente, o conceito de amor ao próximo e valorização da vida se sobrepor aos deleites sanguinários das arenas.

Por fim, este estudo propôs-se a traçar linhas inaugurais sobre a temática, buscando as relações do Cristianismo com as práticas corporais espetaculares do Império Romano. Desta forma, convida-se os pesquisadores ao aprofundamento dos estudos no campo da sociologia do esporte a fim de evidenciar os pormenores do processo de mudança de interesse dos romanos em relação aos espetáculos, assim como investigar os possíveis legados da ética e cultura cristãs no desenvolvimento do esporte ao longo dos séculos.

Referências

Amstel, N., Júnior, C. A. B. R., & Júnior, W. M. (2021). Religião e processo civilizador: tentativas de estabelecer um diálogo entre Weber e Elias. *Revista Stricto Sensu*, 6(2), 8–19. Recuperado de: <http://revistastrictosensu.com.br/ojs/index.php/rss/article/download/106/89>. doi:10.24222/2525-3395.2021v6n2p008.

Baker, A. (2002) *The gladiator: the secret history of Rome's warrior slaves*. Cidade de Nova Iorque: Da Capo Press.

Barnette, H. (1956). The Ethic of the Sermon on the Mount. *Review & Expositor*, 53(1), 24-33. Retrieved from: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/003463735605300103>. doi: 10.1177/003463735605300103.

Bíblia Online - ACF - Almeida Corrigida Fiel. (n.d.). [Www.bibliaonline.com.br.](http://www.bibliaonline.com.br/) <https://www.bibliaonline.com.br/acf>.

Bracht, V. (2002). Esporte, história e cultura. In M. Proni, & R. Lucena (Orgs.) *Esporte, história e sociedade* (1a ed., pp. 191-205). Campinas: Autores Associados.

Cahill, L. S. (1987) The ethical implications of the sermon on the mount. *Interpretation*, 41(2), 144-156. Retrieved from: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002096438704100204>. doi: 10.1177/002096438704100204.

Carter, M. J. (2009) Gladiators and monomachoi: Greek attitudes to a Roman cultural performance. In Z. Papakonstantinou. *Sport in the cultures of the Ancient World: new perspectives*. (pp. 150-174) Cidade de Nova Iorque: Routledge.

Dawson, C. (2014) *A formação da cristandade: das origens na tradição judaico-cristã à ascensão e queda da unidade medieval*. São Paulo: É Realizações.

Duarte, E. S., Farias, V. G., Oliveira, N. A. (2017) O método hermenêutico e a pesquisa na área das ciências humanas. *Anais da Jornada de Pesquisa*, Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil, 22.

Kyle, D. G. (2001) *Spectacles of death in ancient Rome*. Cidade de Nova Iorque: Routledge.

López, P. A. (2008) Los deportes y espectáculos del Imperio Romano vistos por la literatura cristiana. *Foro de Educación*, 10, 265-280. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2906973.pdf>.

Marconi, M. A; Lakatos, E. M. (2003) Fundamentos de metodologia científica (5a ed). São Paulo: Atlas.

Martin, M. S. G. (1992) O Imperador Teodósio e A Cristianização do Império. *CLASSICA*, 1, 155-160. Recuperado de: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/826/737>. doi: 10.24277/classica.v0i0.826.

Proni, M.; Lucena, R. (2002) *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados.

Santo Agostinho. (2017) *A cidade de Deus: parte 1*. (O. P. Leme. Trad.) São Paulo: Vozes de Bolso.

Santo Agostinho. (2007) *Confissões*. (L. M. Csernik. Trad.) Recuperado de: <https://sublimefilosofia.com.br/wp-content/uploads/2022/02/Agostinho-Confissoes.pdf>.

Valls, Á. (1994) O que é ética (nº 177). São Paulo: Editora Brasiliense.

Veyne, Paul. (2015) Pão e circo: sociologia histórica de um pluralismo político (1a ed.) São Paulo: Editora Unesp.

Weller, W. (2007) A hermenêutica como método empírico de investigação. *Anais da Reunião Anual da ANPEd*, Caxambu, Minas Gerais, Brasil, 30.

Woods Jr, T. E. (2008) *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. Quadrante-Sociedade de Publicações Culturais.